

Parte 1

I

“na vasta vacuidade do empíreo”, leu a Mna. Dawson. “E sabes dizer-me o que significa ‘empíreo’?”

“Significa”, disse Angel. Humedeceu os lábios. Olhou pela janela da sala de aula o céu para lá das árvores despidas. “Significa ‘a mais alta esfera celeste’.”

“Sim, o céu”, disse a Mna. Dawson, desconfiada. Devolveu o caderno a Angel, sentindo-se desconcertada. A rapariga tinha grande fama de mentirosa, e quando a Mna. Dawson recebeu esta estranha composição — “Uma Tempestade no Mar” — analisou-a em estado de alerta, receosa de já a ter lido antes ou de ter obrigação de o ter feito. Passara um inquieto serão a esquadriñar Pater, Ruskin e outros. Embora desdenhasse aquela prosa tão ornamental, tão cheia de crescendos e aliteraões, antes de a classificar como vulgar no seu estilo rebuscado, esperava descobrir quem a tinha escrito.

Conversara sobre o assunto com a diretora, que também achou melhor ser prudente. Parecia-lhe um texto admirável para uma rapariga de quinze anos; se, efetivamente, fosse de uma rapariga de quinze anos.

“Ela já tinha escrito algo de semelhante?”

“Nada. Uma linha ou duas cheias de borrões.”

“Relâmpagos rendilhavam e jaspeavam o céu”, leu a diretora. “Procurou em Oscar Wilde?”

“Sim, e em Walter Pater.”

“Vai ter de a questionar. Se estiver a fazer pouco de nós, não será a primeira vez.”

Quando se sentia entediada, Angel era capaz de desmaiar e certa vez contou que tinha sido seguida após as aulas pelas ruas iluminadas a gás, numa tarde de inverno; embora mais tarde viesse a confessar a um polícia que talvez se tivesse enganado.

A Mna. Dawson interrogou-a depois de as outras raparigas terem saído. Não acredita que fui eu que o escrevi, pensou Angel, olhando com desprezo para a pequena mulher nervosa, de *pince-nez* escorregadio e cabelo apanhado em forma de ninho. Se não fui eu, quem é que ela pensa que foi? Quem pensa ela que o podia ter feito? Que maneira de viver — sempre num desassossego com as aulas, com a saia cheia de giz, a regressar à noite à pensão para preparar o Shakespeare do dia seguinte — saltem para a página x, linha y, para nós não termos de ler a palavra “útero”.

Olhou em volta a triste e sombria sala de aula, as filas de bancos e de carteiras compridas, todos os mapas e imagens religiosas que tão bem conhecia. Em tempos havia sido um quarto numa casa particular, Os Quatro Cedros, agora convertida naquela escola para as filhas dos comerciantes locais, que era gerida à toa. Muitas vezes, durante as aulas enfadonhas, Angel tentava imaginá-la de novo como um quarto, com as faustosas cortinas corridas, a lareira acesa, um vestido de cetim branco numa cadeira e uma criada a apertar-lhe as fitas do corpete.

“Bom, espero que continues a praticar”, disse a Mna. Dawson num tom dúbio. Molhou a pena na tinta vermelha e escreveu “Muito Bom” no final da composição.

“Lês muito, Angelica?”

“Não, nunca leio nada.”

“E porque não?”

“Não me parece interessante.”

“Que pena. Então o que fazes nos tempos livres?”

“Na maior parte do tempo toco harpa.”

Também não acredita nisto, pensou Angel ao ver a expressão desconfiada que voltava a endurecer o rosto da Mna. Dawson. Sentiu-se tão ofendida por a professora não acreditar nela acerca da harpa — que era de facto mentira — como acerca da composição

que tinha efetivamente escrito, e com a maior facilidade e rapidez, só porque sentira de súbito vontade de o fazer.

Quando a Mna. Dawson lhe disse que podia sair, Angel fez a pequena vénia que dela se esperava e desceu a correr as escadas até ao vestiário. A escadaria estava na penumbra. Do outro lado do vestíbulo, uma luz entrava por uma porta aberta. A estufa, com as suas palmeiras e eucaliptos, parecia escura e fantasmagórica. Já todas as raparigas se tinham ido embora.

O vestiário fora em tempos uma copa ampla. Era provido de cabides dos quais agora pendiam apenas sacos com sapatos e, num dos cantos, a capa com capuz de Angel. Pelo chão de pedra rachada corriam amiúde baratas e havia humidade nas paredes. A janela tinha grades, e àquela hora do dia a escola era um sítio assustador. As alunas usavam a porta das traseiras, onde havia raspadeiras de calçado entre os fetos, uma fila de caixotes do lixo, uma pilha de coque e sempre imensas lesmas amarelo-pálidas.

Os relvados e o caminho de acesso para as carruagens, as janelas iluminadas e até os quatro cedros podiam entrever-se do caminho lateral e da porta de serviço. Aqui, entre os loureiros, à espera de Angel, encontravam-se duas raparigas mais novas do que ela. Cabia a Angel acompanhá-las na ida para a escola e no regresso a casa. Os pais delas eram clientes da mercearia da sua mãe.

As duas raparigas, Gwen e Polly, tinham tido medo ali à espera, no escuro. O acendedor de lampiões passara havia muito e o céu estava agora de um azul profundo. Havia no ar um cheiro a noite, fumarento e inquietante.

“Tive de ficar a ouvir os elogios da professora”, disse Angel. Ia calçando as luvas de lã enquanto estugava o passo. Gwen e Polly trotavam ao seu lado. Desceram a colina, passando por filas de casas georgianas dispostas em meia-lua e em ladeira, e por jardins escuros cheios de sussurrantes folhas mortas.

“Quando estás na Mansão Paraíso”, perguntou Polly, “vais alguma vez sozinha para o jardim depois de escurecer?”

“Levo o meu cão, o Trapper. Damos uma volta pela propriedade. Ao pé das cavaliças é bastante fantasmagórico, só se ouve o som dos cavalos a resfolegar e a piafar.”

“Os cavalos são mesmo teus?”

“Serão quando eu herdar.”

“Mas quem toma conta deles agora?”

“Os palafreiros e os moços de estrebaria. Tudo está em ordem, tal como a casa. Há guarda-pós a cobrir a sala de visitas e droguetas por cima dos tapetes, e a governanta trata de que tudo esteja encerado e reluzente, pronto para o dia em que eu possa ir para lá viver.”

“É uma pena”, disse Polly, “que tenhas de esperar. Porque é que não podes ir já?”

“A minha mãe foi deserdada por ter casado com o meu pai, que era de posição social inferior. Nunca mais pode regressar, por isso nunca digam nada a ninguém sobre a Mansão Paraíso.”

“Não, claro que não”, sussurraram prontamente, como sempre faziam. “Mas porque é que não devemos dizer nada?”, perguntou Gwen.

“A minha mãe fica arrasada quando ouve falar do assunto. Se disserem uma palavra em casa e isso chegar aos ouvidos da minha mãe, eu não respondo pelas consequências.”

“Não diremos uma palavra”, disse Polly. “Podes voltar a falar-nos dos pavões brancos?”

Todos os dias escutavam a história da Mansão Paraíso. Era para elas mais fulgurante do que as ruas humildes em que desembocavam as filas de moradias em crescente e em ladeira, e que ficavam mais perto das suas próprias casas. Despídos bicos de gás ardiavam em pequenas lojas de esquina, mas as fileiras de casas de tijolo amarelo estavam às escuras: naquelas salas de estar, as chamas só ardiavam aos domingos, por detrás dos vasos de plantas e das floreiras com fetos. Carroças de carvão e de cerveja passavam estrepitosamente, mas não se viam carruagens. No ar pairava o cheiro nauseabundo da vizinha fábrica de cerveja com que as raparigas tinham crescido e que não notavam.

“Amanhã contas-nos mais coisas?”, perguntou Polly, parando junto do gradeamento do seu pequeno jardim.

Era frequente Angel sobressaltar-se quando as duas irmãs se detinham ao pé do portão; em parte por se ter esquecido delas, e em parte por ter de se transportar de modo demasiado repentino da Mansão Paraíso para aquele lugar miserável, com os seus armazéns e fábricas e o seu enorme e taciturno reservatório de gás.

“Talvez”, respondeu despreocupadamente. Elas abriram o portão e disseram-lhe adeus, mas Angel já tinha retomado o seu caminho, puxando a capa para si e estugando o passo, de novo absorta nos seus estranhos pensamentos.

A meio da Rua Volunteer havia uma fiada de lojas: uma de peixe frito com batatas fritas, de onde saíam a correr crianças com cartuchos quentes e gordurosos; um quiosque; uma farmácia cuja luz interior fulgurava debilmente por trás de três frascos de vidro com líquidos vermelho, verde e violeta, que davam cor às taças de enxofre e de vagens de sene expostas na montra. Ao lado da loja de tecidos, a terminar a fiada, ficava a mercearia; ali, Eddie Gilkes, o empregado, encontrava-se ao balcão a preparar uma encomenda, pesando açúcar e distribuindo-o por sacos cor-de-rosa. O pedaço de queijo a seu lado estava sujo das suas dedadas. Àquela hora do dia, o serrim do chão estava já todo revolvido.

Angel ignorou a saudação de Eddie e saiu pela porta que conduzia à parte de trás da casa. O escuro vestíbulo estava pejado de caixas. Junto à base das escadas havia frascos de *pickles* e um barril de vinagre. O cheiro a toucinho fumado e a sabão impregnava as divisões do piso de cima, o pequeno quarto de Angel, frio e abafado, e a luminosa sala de estar onde a Sra. Deverell preparava torradas, inclinada para o lume.

Na mesa, uma toalha em croché cobria a de *chenille* verde e a luz incidia sobre as chávenas e os pires. A divisão estava a abarrotar de mobília e era difícil abrir caminho por entre a mesa e demais móveis, o sofá de crina de cavalo, o *chiffonier*, a máquina de costura e o harmónio. Havia molduras com fotografias em todas as superfícies. O lintel da chaminé estava adornado com veludo guarnecido de borlas e uma fímbria de contas escondia a camisa incandescente do bico de gás.

A Sra. Deverell protegia o rosto do lume com a mão, mas tinha as faces rosadas. A sala estava muito quente. “Chegaste tarde”, disse.

“Não tinha nenhuma pressa.”

“Não viste a tia Lottie. Sabes como ela gosta de estar contigo. Lembrei-te que hoje era a quarta-feira dela.”

Angel afastou as cortinas e encostou a cabeça à janela embaciada.

“Oh, que calor está aqui. Não sei como consegue aguentar.”